

**Comportamento exploratório em relação à carreira de
universitários brasileiros de administração:
Comparando ingressantes e concluintes**

Fernanda Aguilera

Suellen Estevam Bortolotti

Mara de Souza Leal

Resumo: O ensino superior exerce importante papel no planejamento de carreira dos estudantes. Segundo a perspectiva desenvolvimentista, para além da formação profissional, tarefas de exploração e preparação para o mundo do trabalho interferem na empregabilidade dos jovens e precisam ser estimuladas. O presente objetivou: mapear o comportamento exploratório de carreira de jovens universitários iniciantes e concluintes de um curso de Administração; e, verificar possíveis diferenças em seu repertório tendo em vista a vivência universitária. Justifica-se como diagnóstico inicial para nortear ações futuras de estimulação desses comportamentos entre os jovens. Participaram 83 estudantes do curso de Administração de uma universidade privada, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 37 anos ($M=25$), sendo 41 matriculados no 1º período (ingressantes) e 42 no 8º período (concluintes). Foram aplicados questionário de caracterização e a Escala de Exploração Vocacional para Universitários, e realizadas análises descritivas e teste *t de Student*. Resultados preliminares mostraram que o comportamento exploratório dos estudantes é reduzido, tanto em termos de autoconhecimento, como na exploração de oportunidades e informações acerca da carreira, o que parece aumentar com a vivência prática de estágios. A partir desse diagnóstico, oficinas de Planejamento de Carreira passaram a ser oferecidas. Além disso, passou-se a incentivar, entre os docentes, que adotem métodos didáticos que melhor aproximem teoria e prática, como metodologias ativas de ensino-aprendizagem e realização de visitas técnicas. O estímulo à exploração e preparação para a carreira no contexto universitário é discutido, considerando-se meios contemporâneos que podem ser adotados para se cumprir tal função.

Palavras-chave: Carreira, Ambiente universitário, Desenvolvimento profissional.

A exploração vocacional ou de carreira é reconhecidamente um fator fundamental na construção de percursos profissionais consistentes. Definida como um comportamento intencional e voluntário que visa ao autoconhecimento e ao conhecimento sobre o mundo do trabalho, tem por objetivo suprir o sujeito de informações sobre ambos, enquanto

subsídios que venham a auxiliá-lo a escolher, preparar, assumir, ajustar-se ou progredir em uma ocupação (Jordaan, 1963). Segundo Super, Savickas e Super (1996), colabora tanto no que diz respeito à formação do autoconceito (geral e vocacional), como na organização da experiência, sendo uma atividade direcionada para o interior do indivíduo (exploração de si) e para seu exterior (exploração do ambiente), considerando-se as profissões, formações, oportunidades de trabalho. E assim potencializa avanços e impulsiona a maturidade de carreira.

Avaliá-la junto a universitários permite a identificação do processo de busca de informações implementado por eles, antes e durante a graduação, o que está intimamente relacionado às experiências vivenciadas na relação com o curso e a profissão. Além disso, tem sido investigada em relação ao desenvolvimento de expectativas realistas e comportamento de busca de oportunidades (Werbel, 2000); às crenças de autoeficácia profissional, na transição para o trabalho e na procura de emprego (Bardagi & Boff, 2010; Pelissoni, 2007); satisfação com a vida e comprometimento com a carreira (Bardagi & Hutz, 2010); questões contextuais, interacionais e pessoais da vivência universitária (Mognon & Santos 2014).

Werbel (2000) observou que a capacidade exploratória é um importante passo para a busca de emprego por recém graduados, recomendando, então, que processos de aconselhamento de carreira devem priorizar o desenvolvimento dessa capacidade. Consonante com tais resultados, Teixeira e Gomes (2005) identificaram, entre formandos, maior otimismo para a busca de emprego associado a maiores índices de exploração. Bardagi e Hutz (2010) observaram que os alunos que têm planos definidos pós-formatura são os que apresentaram melhores indicadores de comportamento exploratório e comprometimento com o curso. Já no estudo de Bardagi e Boff (2010), os estudantes que possuíam planos definidos para o período posterior à universidade foram os que apresentaram níveis maiores de exploração do ambiente e de autoeficácia profissional.

Resultados desses e de outros estudos evidenciam que, para além da formação profissional, tarefas de exploração e preparação para o mundo do trabalho precisam ser estimuladas, pois facilitam a transição

universidade-trabalho e interferem na empregabilidade dos jovens e em sua adaptação no mercado. E um importante caminho para fomentá-las é a prática de estágios, pois a aproximação com a prática e o mercado potencializa não apenas o desenvolvimento de competências, mas também decisões e planos de carreira mais consistentes.

O estágio é compreendido no Brasil como um “*ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior*” (Lei 11.788/08, Art. 1º), dentre outros níveis de ensino. Mas nem todo curso superior o prevê como componente curricular obrigatório, como é o caso dos cursos de formação de tecnólogos, por exemplo. Já outros, mesmo propondo sua obrigatoriedade, consideram a possibilidade de tal prática ser realizada na própria instituição, seja em laboratórios ou por meio de atividades simuladas, como é previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Administração, por exemplo (Resolução CNE/CES 4/2005). Essas são alternativas encontradas para equacionar outra questão: as limitações de tempo de estudantes que conciliam trabalho e estudo, em sua maioria matriculados no período noturno.

É fato que as competências básicas de gestão (controlar, planejar, organizar e liderar) são estimuladas em todas as disciplinas dos cursos de Administração, de maneira transversal. Também é nesses cursos que disciplinas sobre Gestão da Carreira são mais comuns no país, apesar de raras. Mas, ficam algumas dúvidas: tais ações têm suprido a necessidades em termos de formação? Têm sido eficazes na promoção do desenvolvimento da carreira?

Frente a tal realidade, apresenta-se aqui um recorte de pesquisa realizada em contexto universitário, com vistas a sustentar a proposta de implantação de uma central de estágios e carreira na instituição. Como parte do diagnóstico da realidade local, esse recorte teve como objetivos: mapear o comportamento exploratório de carreira de jovens universitários iniciantes e concluintes do curso de Administração; e, verificar possíveis diferenças em seu repertório tendo em vista variáveis da vivência universitária.

Método

Local

A pesquisa foi realizada em uma universidade brasileira, localizada no interior do estado de São Paulo. No período de realização da pesquisa, a instituição oferecia 45 cursos de graduação, entre bacharelados, licenciaturas e formação de tecnólogos, além de cursos de pós-graduação em níveis de especialização, mestrado e doutorado. Distribuídos em 8 faculdades e quatro *campi*, eram atendidos cerca de 12 mil estudantes.

Participantes

Colaboraram com a pesquisa 83 estudantes do curso de Administração. Tal amostra compôs-se por participantes de ambos os sexos, com idade entre 18 e 37 anos ($M=25$), sendo 41 recém ingressos na universidade e matriculados no 1º período, enquanto 42 eram considerados concluintes, já matriculados no 8º e último período do curso. Todos estudavam no período noturno.

Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos um questionário de caracterização e a Escala de Exploração Vocacional para Universitários – EEV (Teixeira, Bardagi, & Hutz, 2007), detalhados a seguir.

Questionário de caracterização: foi elaborado pelas próprias autoras para uso em pesquisa mais ampla, para o diagnóstico institucional do qual o presente trabalho é recorte. É composto por questões abertas e fechadas que exploram dados pessoais e informações sobre a vivência acadêmica, de estágio e histórico profissional dos estudantes.

Escala de Exploração Vocacional para universitários – EEV (Teixeira et al., 2007): é composta por 24 itens que avaliam a exploração vocacional pelos estudantes, considerando-se duas dimensões: a exploração de si (ou autoconhecimento) e a exploração do mercado de trabalho e da profissão (como a busca de informações e oportunidades,

por exemplo). Foi inspirada no *Career Exploration Survey* (Stumpf et al., 1983), combinando-se a itens elaborados a partir da literatura sobre exploração vocacional e a prática em orientação profissional com universitários. Formulada como escala tipo *likert* de 5 pontos, a EEV avalia com que frequência os estudantes empreendem as ações exploratórias elencadas, oferecendo opções que vão de raramente ou nunca a muito frequentemente ou sempre.

Cuidados éticos

Foram preservados os cuidados éticos previstos para a pesquisa com seres humanos no Brasil, adotando-se alguns procedimentos. Inicialmente, foi solicitada a autorização da universidade para realização da pesquisa em suas dependências, assim como da Faculdade de Gestão e Negócios e da coordenação do curso de Administração. Em seguida, foi elaborada uma programação da coleta de dados junto aos docentes e às diferentes turmas do curso. As salas de aula foram então visitadas, para a apresentação dos propósitos e procedimentos do estudo e o convite aos estudantes, a que se seguiu a formalização de um termo de consentimento livre e esclarecido junto aos interessados em colaborar com a pesquisa. Foram, assegurados, desse modo, os conhecimentos básicos a respeito do estudo, a liberdade de participar ou não do mesmo e a possibilidade de desistir a qualquer tempo, além do anonimato e sigilo garantidos pelo tratamento coletivo dos dados.

Procedimentos de coleta e análise de dados

Os instrumentos foram aplicados coletivamente nas salas de aula, em horário regular de atividade acadêmica e em sessão única com cada turma, com duração entre 15 e 30 minutos. A pesquisadora fazia uma breve explicação a respeito do estudo e seus procedimentos, dava a liberdade de permanecer na sala apenas os estudantes interessados e procedia a aplicação dos instrumentos, permanecendo disponível para esclarecimento de dúvidas.

Após a coleta das informações, os dados foram organizados em uma planilha com o uso do programa SPSS (*Statistical Package for the Social*

Sciences, versão 18.0). Em seguida, foram submetidos à análise descritiva e inferencial, adotando-se o teste *t de Student*, para identificação de possíveis diferenças no comportamento exploratório de estudantes em fase de ingresso ou conclusão do curso de Administração.

Resultados e Discussão

Um primeiro conjunto de resultados refere-se à caracterização da amostra, tendo em vista variáveis demográficas e outras relacionadas à experiência profissional e vivência acadêmica, particularmente no que se refere à realização de estágios profissionalizantes na área de formação.

Observou-se a predominância do sexo feminino entre ingressantes (53,7%) e concluintes (73,2%), com destaque para o fato da diferença entre gêneros mostrar-se mais acentuada entre os estudantes em fase final da graduação. Já se considerando a faixa etária, os dados revelam que o perfil do alunado do curso envolve desde jovens egressos do ensino médio, até estudantes mais maduros, que só conseguiram chegar à universidade mais tardiamente, após um período de vivência profissional. Consonante a isso, ficou evidente a maioria de estudantes trabalhadores, entre 82,9% e 95,1% para ingressantes e concluintes, respectivamente. Tais dados estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização da amostra e sua experiência profissional e de estágio

Caracterização		Ingressantes	Concluintes
Idade	Mínima	18	19
	Máxima	37	42
	Média	21	25
	Moda	19	22
Sexo	Feminino	22 (53,7%)	30 (73,2%)
	Masculino	19 (46,3%)	12 (26,8%)
Trabalha	Sim	34 (82,9%)	39 (95,1%)
	Não	7 (17,1%)	2 (4,9%)
Experiência de estágio	Sim	7 (17,1%)	21 (51,2%)
	Não	34 (82,9%)	20 (48,8%)

Esses resultados são coerentes com o perfil nacional de universitários matriculados em período noturno, principalmente em instituições de ensino particulares, pois muitos dependem de seus próprios salários para pagamento das mensalidades. De fato, grande parte da população brasileira só consegue acesso ao ensino superior quando tem condições de manter-se estudando apoiado em renda própria, seja com ou sem ajuda familiar (INEP, 2013). Outros tantos o fazem por meio de bolsas de estudos ou programas de financiamento estudantil, dentre outros benefícios de incentivo à permanência na universidade; casos esses que são fruto das políticas educacionais mais recentes no país. Para a maioria deles, a preferência por cursos noturnos apoia-se na possibilidade de conciliar trabalho, família e estudo (Cardoso & Bzuneck, 2004).

Mas o resultado que mais chamou a atenção nesse conjunto de dados foi o que se refere à prática de estágios. No que diz respeito aos ingressantes com tal vivência (17,1%), naturalmente seriam poucos os casos de alunos já atuantes como estagiários na área de formação. Afinal, no primeiro período do curso concentram-se disciplinas básicas e os estudantes ainda têm pouco conhecimento técnico a oferecer/exercitar no exercício profissional. Mas o que se revela preocupante é o fato de que quase a metade dos universitários que estão próximos da conclusão do curso julgam não ter qualquer vivência de estágio (48,8%).

Esse resultado talvez decorra de considerarem que apenas os trabalhos alternativos breves, previstos em substituição à prática em campo, não se mostrem eficazes ou suficientes enquanto exercícios da prática profissional. Vale citar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Graduação em Administração – Bacharelado, regulamentadas no Brasil pela Resolução CNE/CES 4/2005, propõem o Estágio Curricular Supervisionado como um componente curricular obrigatório, direcionado à consolidação dos desempenhos profissionais desejados do formando, apesar de preverem a possibilidade de tal prática ser realizada na própria instituição, via recursos laboratoriais e de simulação. No entanto, se o próprio estudante não tem clareza de que as atividades possivelmente realizadas tratam-se de práticas de estágio, muito provavelmente as mesmas não se caracterizam por ter essa função. Então é fundamental que se reconheça que a falta de vivência

prática é uma grande lacuna na formação, não só no que toca ao desenvolvimento de competências, mas também enquanto ponte para a inserção profissional na área.

Mas o foco de interesse principal da pesquisa foi o comportamento exploratório dos estudantes em relação à carreira. Pôde-se avaliar que as médias apresentadas por ingressantes e concluintes revelaram-se baixas em ambas as dimensões, exploração de si e do mercado/profissão, se comparadas com outros estudos realizados com amostras brasileiras, embora heterogêneas no tocante a áreas de formação. São exemplos os estudos de Mognon e Santos (2014), junto a 213 formandos de uma universidade particular; e de Bardagi e Hutz (2010), com 939 estudantes de diferentes períodos e áreas de formação, em instituições públicas e privadas, com média geral de 89,5 na mesma medida. Esses resultados estão demonstrados na Tabela 2.

Tabela 2

Escores em exploração vocacional de ingressantes e concluintes do curso de Administração

Dimensões	Escores							
	Ingressantes				Concluintes			
	Mín	Máx	Méd	DP	Mín	Máx	Méd	DP
Exploração de si	20	49	36,7	7,1	19	47	36,6	6,4
Exploração do mercado/profissão	19	45	33,7	6,5	17	48	33,8	7,6
Exploração vocacional	41	94	70,4	12,3	36	92	70,5	12,7

Outro parâmetro a se considerar diz respeito ao próprio intervalo de pontos da escala total. Considerando-se que a pontuação mínima é de 24 pontos e a máxima é 120, tem-se que o ponto médio da avaliação é 72. Sendo assim, pode-se afirmar que os dois grupos apresentaram padrão de desempenho inferior à média da escala, o que pode sugerir pouco engajamento ou um repertório pobre em termos de comportamento exploratório de carreira. Frente a isso, vale resgatar o papel da universidade em estimulá-lo, sendo recomendável que medidas objetivas possam ser tomadas em seu favor. Afinal, o processo de exploração vocacional deve ser considerado um ponto importante para o desenvolvimento de

carreira do estudante. Muitos autores defendem que o comportamento exploratório vocacional é mais do que uma conduta que potencializa o acesso à informação, mas contribui para facilitar o aprendizado e lhe dar outro significado, organizando as experiências e proporcionando maturidade no que diz respeito a reunir informações sobre si e o ambiente, pensar sobre os seus valores, interesses, habilidades, preparar-se para decisões e a busca por objetivos futuros, progredir em seu campo de trabalho (Bardagi, 2005; Pelissoni, 2007; Teixeira et al., 2007).

Já no que se refere à comparação entre grupos, os resultados foram bastante próximos para ambos nas diferentes dimensões da exploração vocacional, não tendo sido observadas diferenças significativas estatisticamente entre ingressantes e concluintes. Apesar do mesmo ocorrer ao se testar o efeito da variável experiência de estágio entre os concluintes, foi possível observar escores mais elevados entre aqueles com tal vivência em ambas as dimensões avaliadas. Além disso, os escores mostraram-se mais elevados no que diz respeito ao autoconhecimento, em contraponto com o conhecimento do mercado e da profissão. Avalia-se que essa informação é relevante e demanda medidas a serem tomadas no âmbito do curso, de modo a incentivar os estudantes a conhecerem melhor a realidade profissional que os aguarda. É preciso promover espaços que potencializem a aproximação entre a universidade e o mercado de trabalho, incentivando os alunos a empreenderem ações em favor da construção da própria carreira.

Considerações e desdobramentos

A presente pesquisa permitiu retratar o comportamento exploratório vocacional de uma amostra de estudantes brasileiros do curso de Administração, revelando-o reduzido tanto em termos de autoconhecimento, como na exploração de oportunidades e informações acerca da carreira. Embora o mesmo pareça aumentar com a vivência prática de estágios, isso não se revelou na forma de diferenças significativas estatisticamente, assim como tais diferenças não foram observadas na comparação

entre ingressantes e concluintes. Além disso, ficou evidente o baixo envolvimento dos estudantes com tarefas importantes na construção da carreira, especialmente no que se refere à realização de estágios profissionalizantes e à busca de informações sobre o mercado e a profissão.

Embora tais resultados não possam ser considerados conclusivos, dadas possíveis limitações de amostragem, assim como não se pode generalizá-los para o contexto de outros cursos de Administração pelo país, os mesmos revelaram uma realidade preocupante. É fato que mais estudos precisam ser realizados para melhor ilustrá-la, em nível nacional, pois enfoca um tema ainda pouco investigado no país. Mas baixos índices de comportamento exploratório de carreira têm sido observados em vários estudos com amostras brasileiras de diferentes cursos (Bardagi, 2007; Bardagi & Hutz, 2010; Mognon & Santos, 2014; dentre outros).

No contexto institucional em questão, essa foi uma tendência observada praticamente em todos os cursos, o que pode estar relacionado à proposta educacional da instituição, ainda apoiada predominantemente em métodos tradicionais, abrindo-se aos poucos para as inovações pedagógicas. Isso precisaria ser devidamente investigado, pela comparação de resultados entre estudantes de diferentes instituições e modelos de ensino, adotando-se *designs* de pesquisa adequados. Mas, com base nos resultados por hora apresentados, alguns cursos já passaram a incentivar, entre os docentes, que adotem métodos didáticos que melhor aproximem teoria e prática, como metodologias ativas de ensino-aprendizagem e a realização de visitas técnicas. Avalia-se que essas estratégias bem se adéquam a diferentes áreas de formação, em especial à área de gestão e negócios, a que pertencem os cursos de Administração, foco aqui em questão.

Cabe lembrar que o presente estudo trata-se de um recorte de pesquisa mais ampla com a finalidade de justificar, apoiada em dados da realidade local, a proposta de uma Central de Estágios que cumprisse mais que a função burocrática, regulamentar e de controle, como estava em construção no momento da investigação. Buscava-se defender que a mesma tivesse também o papel de estimular e dar suporte à construção da carreira pelos estudantes. Tratava-se de um espaço propício a intervenções de carreira, desde a intermediação de vagas e a organização

de eventos para aproximação da universidade com o mercado, como palestras e feiras de oportunidades, até o desenvolvimento de projetos no âmbito da Orientação Profissional e de Carreira. Eram cabíveis ações desde o acolhimento a calouros e encaminhamento de estudantes em conflito com sua escolha profissional, até oficinas de planejamento de carreira àqueles em fase de transição para o mercado. Em relação a tal propósito, avalia-se que o efeito da pesquisa (mais ampla, envolvendo todos os cursos da universidade) foi positivo, pois a proposta de uma central de estágios menos burocrática se concretizou. Apesar de nem todas as ações chegarem a ser implantadas, foram concretizadas: a intermediação de vagas, a organização de feiras de oportunidades e palestras, além de projetos em atenção aos estudantes em transição para o mercado, como oficinas de planejamento de carreira e *workshops* sobre processos seletivos para estágio e emprego.

Por fim, se o processo de exploração vocacional é considerado um ponto importante para o desenvolvimento de carreira do estudante, vale ressaltar que as instituições de ensino superior têm um importante papel nesse contexto, para o qual precisam despertar. Mais do que favorecer a elaboração de projetos de carreira pelos formandos, a fim de que a transição universidade-mercado de trabalho seja realizada por eles de maneira mais consciente e planejada (Santos, Mognon & Joly, 2011), trata-se de cumprir uma função social mais abrangente, para além dos muros da instituição. Afinal, tal assistência é importante não apenas aos alunos, que, ainda em curso, são estimulados a buscar o autoconhecimento e o conhecimento do que o mercado espera deles, em termos profissionais; mas contribui também com o próprio mundo do trabalho e a sociedade, na medida em que potencializa trabalhadores mais conscientes e preparados para lidar com desafios que os esperam.

Referências

Bardagi, M. P. (2007). *Evasão e comportamento vocacional de universitários: Estudo sobre o desenvolvimento de carreira na graduação*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Bardagi, M. P., & Boff, R. M. (2010). Autoconceito, autoeficácia profissional e comportamento exploratório em universitários. *Revista Avaliação*, 15(1), 41-56.
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2010). Satisfação de vida, comprometimento com a carreira e exploração vocacional em estudantes universitários. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 159-170.
- Brasil. (2008). *Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT (...) e dá outras providências.
- Dias, M. S. L., & Soares, D. H. P. (2009). *Planejamento de carreira: Uma orientação para estudantes universitários*. São Paulo: Vetor.
- Frischenbruder, S. L. (1999). *O desenvolvimento vocacional na adolescência: Autoconceito e comportamento exploratório*. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Frischenbruder, S. L., Teixeira, M. A. P., Sparta, M., & Sarriera, J. C. (2002). Levantamento de Exploração Vocacional: Validade e fidedignidade. In *Anais do I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão* [Resumo online]. São Paulo, SP.
- INEP. (2013). *Censo da educação superior: 2011 – Resumo técnico* (114 pp). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- Melo-Silva, L. L. (2003). Formação do psicólogo: A contribuição da orientação profissional. *PSIC – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 4(1), 42-53.
- Mognon, J. F., & Santos, A. A. A. (2014). Vida acadêmica e exploração vocacional em universitários formandos: Relações e diferenças. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1), 89-106.
- Pelissoni, A. M. (2007). *Autoeficácia na transição para o trabalho e comportamento de exploração de carreira em licenciados*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Santos, A. A. A., Mognon, J. F., & Joly, M. C. R. A. (2011). Crenças de autoeficácia na transição para o trabalho em formandos de Engenharia. *Revista de Orientação Profissional*, 12(2), 197-204.
- Sparta, M, Bardagi, M. P., & Andrade, A. M. J. (2005). Exploração vocacional e informação profissional percebida em estudantes carentes. *Aletheia*, 22, 79-88.
- Sparta, M. (2003). *A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro*. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Orgs.), *Career choice and development*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2007). Escala de Exploração Vocacional (EEV) para universitários. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 175-182.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2005). Decisão de carreira entre estudantes em fim de curso universitário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 327-334.
- Werbel, J. D. (2000). Relationships among career exploration, job search intensity, and job search effectiveness in graduating college students. *Journal of Vocational Behavior*, 57(3), 379-394.

